

Arte, *design* e cidade: discursos e poéticas

BARTOLOMEU PAIVA

Escola Superior de Educação, Politécnico de Coimbra (Portugal)

bpaiva@esec.pt

<http://orcid.org/0000-0001-5996-4507>

1. Introdução

As ecologias urbanas contemporâneas, influenciadas por dinâmicas culturais nos campos científico, artístico e tecnológico, exigem uma reflexão sobre o espólio patrimonial das cidades, reflexão que remete concomitantemente para os seus desígnios físico, social e simbólico, a que não são diversos os novos modelos de desenvolvimento urbano.

Neste sentido, é essencial um novo olhar sobre a morfologia e poética das cidades, designadamente sobre as suas coreografias, metamorfoses e utopias, num registo que concilie as paisagens natural e artificial, o desenho contemporâneo e o património cultural antigo, entre outras confluências formais, estéticas e funcionais.

Abordagem que elege a identidade cultural como tópico de ponderação para que, comprometendo a arte e o *design* em contexto urbano, se percebam os seus níveis de implicação no desenho de espaços e objetos orientados para uma cenografia social, ou seja, uma ponderação sensível sobre a dimensão e influência cultural da arte e do *design*, nas novas formulações sociais e educacionais da vida e da transformação urbana.

2. Cidade – património e cultura

A cidade é um acontecimento histórico e cultural e um produto do tempo e da natureza sujeita à ação humana, um conceito dinâmico e complexo de matriz ideológica, política e social que nos impõe um distanciamento preliminar da noção cultural que detemos dele, para que percebamos a cidade na sua mais profunda essência.

Desse distanciamento pleno de indagação sobre a origem e evolução múltipla do património, que povoa livros e se revela explicitamente perante o olhar crítico do leitor, emerge o território físico e conceptual da cidade sob a influência de espaços e objetos que convertem as suas morfologias contextuais em estados de alma e de cultura.

É no quadro desta circunstância que o património cultural das cidades, cada vez mais eclético e efémero, é hoje protagonista de diferentes léxicos e diálogos, num processo dialético de enriquecimento do seu espaço vivencial, reelaborando a história e abrindo a possibilidade de renovação urbana da arte, da arquitetura e do *design*. A aceitação deste indício é propiciador de novas linguagens em diferentes espaços e registos temporais, designadamente em centros históricos, sob a mediação crítica dos cidadãos, ao questionarem a legitimidade das novas correntes da arquitetura, da arte ou do *design* contemporâneos se imiscuírem em espaços tidos como sagrados, pela sua antiguidade e simbolismo patrimonial.

Convicção que nos remete para o espaço público, conceptualmente plural, aberto à manifestação de opiniões e ações de convergência e divergência, e assumindo na contemporaneidade um protagonismo acrescido face ao incremento das cidades e às ameaças que parecem obrigar a novas lógicas de (re)conceptualização.

Baseamos esta ideia no facto de o património resultar tendencialmente de dinâmicas em que as artes interpretam o presente e anteveem um futuro influenciador da forma como os objetos e os espaços, determinados pelas alterações sociais e materiais, se reelaboram em diferentes momentos da história.

Essas mudanças, por reação, provocação ou aceitação, foram projetando ao longo do tempo um reflexo que, embora nem sempre compreendido, transferiu para o acervo patrimonial das cidades atmosferas de crise, incitação ou progresso, como representação e resposta a fenómenos da vida das sociedades urbanas.

Julgamos assim que, independentemente da posição circunscrita dos cidadãos, compete à sociedade assumir e respeitar o seu património mas, sobretudo, desenvolver competências para novas formas de olhar, interpretar e participar na realização culta das suas cidades, numa atitude que remete para a possibilidade múltipla de considerar outros campos de influência, numa perspetiva de alternância e interculturalidade, ou seja, diligenciando a aceitação de diferentes formas de expressão, antigas e contemporâneas, promotoras de novas interações patrimoniais que, resultantes de diferentes lógicas, possam coexistir nos atuais espaços contemporâneos.

Consistirá numa noção ampla de património que deve remeter-nos também para a admissão de novas e alternativas formas de legitimação

social situadas no campo do efêmero, como a música, o teatro ou outras formas de expressão artística, que assumem o espaço público como palco das suas atuações, ao estabelecerem discursos e entendimentos em lugares de mútua implicação das novas conceções de valorização e dinamização das cidades.

Caberá às entidades gestoras das cidades, aos investigadores e aos autores dos antigos e dos novos espaços urbanos, refletir sobre estratégias que (re)conduzam a léxicos consentâneos com os diferentes registos patrimoniais em presença, potenciando a cidade comunicativa e integradora do passado e do presente, promotora de novas realidades urbanas que (cor)respondam às necessidades do presente e se afirmem como referência para os futuros cidadãos.

Será por isso que, entre outras razões, a preservação e reanimação da paisagem patrimonial será sempre um assunto em debate, desejavelmente numa atitude de distanciamento ideológico e de respeito pela história, permitindo-nos, desse modo, uma consciencialização mais apurada das razões que deram lugar ao património antigo e, simultaneamente, possamos aceder a novos entendimentos que potenciem e valorizem o património na contemporaneidade.

3. Arte e *Design* – dimensão pública

A comunicação e a invocação da paisagem como reduto das sociedades urbanas impelem-nos a considerar as territorialidades difusas em que se cruzam a arte e o *design* na cidade contemporânea, abordagem que encontra fundamento nas cumplidades disciplinares que as duas áreas protagonizam e suas implicações histórica, estética e cultural na identidade das urbes.

Constitui uma perspetiva que suscita a possibilidade de novos símbolos feitos da subjetiva materialidade da arte e do *design* em contextos da cidade, qual manifestação alegórica que, entendida para além da mera expressão plástica e realista da coisa, garante a sua participação numa nova existência que faz da abstração um recurso lexical, que dota a obra de arte e de *design* de valor próprio, por sua vez reforçado pelo contexto e pelos sujeitos que o validam e lhe dão sentido. Assim, o advento dos novos tempos e desafios que se colocam à sociedade, complementado pelos novos comportamentos e contextos em mudança, justificam a necessidade de se aprofundar o conhecimento sobre a participação (inter)disciplinar da arte e do *design* na realização da cidade conciliadora das paisagens natural e artificial.

Do sonho do artista em aceder ao museu, durante tempos reservado apenas às elites, e do designer em materializar o seu projeto em coisa física, assistimos hoje à transferência das produções artísticas e de *de-*

sign para o domínio público, sob o mote das ambiguidades simbólicas e utilitárias situadas na fronteira «difícil» entre a arte e o *design*.

Será no território da arte, enquanto utopia e partilha pública, e do *design*, enquanto indutor de comportamentos, que a cidade contemporânea se revela campo disponível para metamorfoses de uma materialidade (in)certa, com consequências sensíveis nas dinâmicas urbanas e, por consequência, na experiência e emoção dos seus fruidores. São fenómenos de um hibridismo contemporâneo até há pouco inviável ou supostamente inimaginável, projetos que desvendam novas mudanças operadas no campo científico, tecnológico e social, que convertem a cidade em ecologia experimental. É a cidade da semântica efémera, agitando as novas linguagens do tecnodigital, autónomas ou sobrepostas sobre cenários patrimoniais antigos que alteram as relações de aproximação entre espaço e tempo, pela (re)criação de novas imagens e de novos rituais urbanos.

Efemeridade e utopia que vêm alimentando novos referentes como condição para a afirmação da cidade sempre criativa, antecâmara para novos futuros, pela vocação alternativa e pelo carácter evolutivo da própria cidade, potenciada pelas tangências antes inusitadas entre a arte e o *design* urbanos e cujas fronteiras surgem agora ainda mais ténues, em face do diálogo interdisciplinar a que a cidade obriga.

Destes novos compromissos manifestados pela arte e pelo *design* em espaço público, importa recuperar a ideia das coreografias urbanas, para referir que constituem manifestações incontornáveis que pontuam e valorizam o imaginário das cidades, reforçam a identidade dos contextos nos quais resta sempre a expectativa de os podermos encontrar e com eles interagir na multideterminação dos seus efeitos.

É na aceitação dos diferentes discursos e no carácter público das manifestações objetivas e subjetivas que integram a arte e o *design*, do seu entendimento e da sua aceitação, que poderão residir novas formas de fazer cidade e valorizar os espaços de sociabilidade, como espaços de intercultura e de reflexão coletiva, tendo por referentes contextos e objetos que traduzem ideias e ideais, e que afinal são o reflexo de cada cidade e da sua sociedade.

A alma das cidades representará, por isso, a alma coletiva dos seus autores, cidadãos e fruidores, possibilidade e ambição de a podermos contemplar e dela retermos ápices que a nossa retina transforma na imaterialidade temporal da sua paisagem ou, talvez, na materialidade das funções que nos servem enquanto habitantes de um território (des) humanizador de tantas formas de vida e de ser (indi)gente na cidade.

4. Educação – vocação cultural

Da cidade, da arte e do *design*, desvelamos o compromisso interdisciplinar de se assumirem como fatores de aprendizagem e de reprodução do saber, a partir de ecologias que remetem para uma pedagogia cultural, na qual a educação se revela indispensável para a compreensão do cotidiano social, tendencialmente comprometido com a necessidade de uma renovação consentânea com os desafios que hoje se colocam às sociedades urbanas.

No pressuposto da linha de pensamento anterior, merece referência a ação determinante de artistas e *designers* na conceção de espaços e objetos que redundam na circunstancialidade da vida urbana, reinventando e conferindo novas roupagens conceptuais a um futuro reproduutor de novas formas de estar e de ser em sociedade.

Ora, estaremos assim, perante a possibilidade de se estabelecerem novas formulações assentes na ideia de que, para além da vocação formal da escola, existem artistas e *designers* que, atuando no universo amplo da cidade, se constituem consciente e inconscientemente enquanto agentes educativos que transferem, para os espaços e objetos por si gizados, um contributo essencial para uma cidade ajustada a uma cultura relacional comprometida com os valores da civilidade urbana.

Assim, a arte e o *design*, os artistas e os *designers*, constituirão fatores de desenvolvimento humano ao propiciarem ações qualificadas de interação social. É uma perspetiva que centra no indivíduo o pretexto para a legitimação da importância da arte e do *design* na configuração da cidade cívica, uma lógica transversal que repõe o acento tónico na relação entre realidade física e comportamento social, da qual emergem os atributos racionais e emocionais dos objetos, tão importantes para uma formação que sustente e equilibre os valores da educação para a sensibilidade.

É no quadro de uma ideia de educação pela arte e pelo *design* que importa considerar igualmente a sua componente didática, decorrente não só do modo de olhar e usar, mas também e simultaneamente da aquisição e consolidação de formas de agir que substanciem o seu efeito pedagógico, ou seja, não reduzirmos o seu papel à função estética ou à predeterminação técnica da coisa mas, antes, promovermos aprendizagens que possam contribuir para formas alternativas e qualificadas de ser crítico e criativo nos atos de interpretação e intervenção no espaço público.

Perspetivar assim a participação da arte e do *design* na cidade, qualificando comportamentos e consciencializando os cidadãos para a importância dos objetos urbanos, da sua preservação e importância que assumem na qualidade de vida urbana, implica considerar a arte e o *design* enquanto disciplinas do currículo informal presente no desenho

da própria cidade, ecologia funcional, simultaneamente afetuosa e estimulante, geradora de uma cultura de envolvimento, induzida pelas estruturas espaciais e pelas linguagens representadas.

Desta relação dinâmica, interdisciplinar e cultural da cidade, fica a possibilidade dúplice do seu reconhecimento por via da participação da arte e do *design* na construção das identidades urbanas, acentuando a dimensão informal da educação por via de processos imersivos de criação e inovação em territórios comuns e como condição para um entendimento mais aprofundado dos seus universos de ação, ao mesmo tempo que se acentua a dimensão e influência cultural(izante) da arte e do *design* nas novas formulações da vida urbana, materializadas através do uso e apropriação social das cidades e, desse modo, concorrerem para a existência de fenómenos integrados de relação social.

Convicções que nos obrigam a legitimar a dimensão cultural da educação, enquanto lastro fundamental ao reconhecimento dos valores da história e do património e, nesse sentido, enquanto imperativo cívico para uma formação comunitária orientada para os valores da ética e da estética, nos quais se devem incluir os princípios da ecologia humanamente responsável, tão relevantes no quadro da reflexão sobre as problemáticas do presente e como via para a sustentabilidade global do futuro.

5. Poesis Urbana – visões e narrativas

A «deriva» reflexiva sobre a arte e o *design* na cidade, com particular interesse sobre as morfologias e poéticas imanentes das suas objetividades e subjetividades em devir, induzem-nos ao reconhecimento das linhas com que se tecem as suas cumplicidades sob o efeito de uma poesis tão próxima da natureza íntima de cada cidade, de cada usufruidor, que vê no lugar e no objeto o efeito hologramático da sua atitude.

MONDEGO [espelho de água] é o texto e o contexto que aqui assume um rio como elemento patrimonial e simbólico do imaginário coimbrão, e como superfície de reflexão da realidade transfigurada pelo movimento hídrico e pela variabilidade da luz. cada imagem aqui descrita traduz um momento único, determinado pelo efeito improvável do instante.

Da leitura diferida fica o deslumbre sobre imagens instáveis, qual metamorfose visual em transumância sobre a água, que o leito do rio nos concede em diferentes nuances formais, cromáticas e texturais.

Da visibilidade à visualidade das coisas, é assim possível a «ancoragem» aos momentos que aqui se estabelecem sob o olhar de novos entendimentos, legitimadores de outras visões e de novos regressos ao tempo e ao modo de um outro Mondego.

MONDEGO [espelho de água]

O Mondego embarcado nas margens detém-se em frente à cidade... antes de se render ao mar... a veemência da silhueta urbana acentua a fâcias da romântica Coimbra.

Homens e mulheres pairam calados tateando o sossego... outros... oferecem a sua imagem ao espelho que o rio lhes restitui em brilhos de intensidade variável.

Há uma pintura profunda que silencia a cidade sob o efeito indeciso da água... é um movimento que se aquieta na penumbra da noite e se exalta no brilho solar dos dias.

Essa ilusão fica no preciso lugar da paisagem reanimada pela saudade... que emerge entre as colinas tecidas do corpo... num erotismo liso de água submissa!

Quem nunca aqui chegou... procura nos reflexos do Mondego o amor de Pedro e Inês... beijos de sol e lua... a água afoga-lhe esse desejo eterno!

Na outra margem... na margem outra... há árvores que à tarde se penteiam escandalosamente sobre o dorso do rio... como se o rio fosse um espelho nu!

Quando o sol se põe sobre a orla da paisagem rasante... a água prepara-se para a líbido das noites cálidas... das noites gélidas de azul... antecipando o céu.

Ao anoitecer... delicada... a cidade deita-se no leito do rio... difundindo um luminoso manto de diferentes nuances e feições... sob o fascínio da obscuridade.

O bulício urbano ausenta-se e faz-se murmúrio... a tranquilidade tem o aroma hídrico das águas noturnas... da cidade adormecida.

A alvorada chama-nos à margem... mergulhamos o corpo no desejo... sentimos o prazer do tempo como se o tempo fosse água que nos cobre de luz e seda!

Pela matina... sob a grandeza da alvorada já ida... o Mondego despede-se de remanso... beijando as margens de pedra... e largando um rasto de luz que a brisa transforma numa tela efémera de espelhos sobre a água!

MONDEGO [espelho de água], texto e contexto, permitiu-nos o reenquadramento das nossas visões sob o efeito ampliado da realidade tan-

gível, encontrando no detalhe a possibilidade de um olhar mais profundo sobre o imaginário que cada um constrói a partir dos seus horizontes preferenciais.

A (in)visibilidade remete-nos, assim e frequentemente, para a abstração da realidade, feita de um todo decomponível e exposto a múltiplas interpretações, é essa possibilidade que encontra eco narrativo nestas imagens, quais fragmentos representativos de paisagens (in)finitas.

A leitura para além da realidade terá permitido ver para lá do tangível e, desse modo, aceder a novas lógicas sobre as razões e as emoções que suscitam em nós a dimensão oculta das coisas (in)visíveis.

6. Referências bibliográficas

- Bonsiepe, G. (2013). *Design, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Blücher.
- Gehl, J. (2014). *Cidades Para Pessoas*. São Paulo: Perspectiva [2.ª edição].
- Greene, M. (2005). *Liberar la imaginación – ensayos sobre educación, arte y cambio social*. Barcelona: Graó.
- Norman, D. (2004). *Emotional Design*. New York: Basic Books.
- Paiva, B. (2009) *Urbanidade e Educação Cultural – Supervisão e Formação em Educação Artística e Tecnológica*. Penafiel: Novembro.
- Schulz, S. (2008) *Estéticas urbanas. Da Polis grega à metrópole contemporânea*. Rio de Janeiro: LTC.